

DE 17 A 19 DE SETEMBRO, EM SANTIAGO DO CACÉM

## XI Congresso sobre o Alentejo

“Descentralizar, Investir, Desenvolver – Uma Aposta no Futuro” é o lema do XI Congresso sobre o Alentejo que se realiza no próximo fim-de-semana (de 17 a 19) no Pavilhão Municipal de Desportos de Santiago do Cacém e, no qual, se prevê a participação de cerca de 500 congressistas.

Na procura de soluções que combatam a actual situação e dinamizem esta zona do País, o Congresso sobre o Alentejo aborda, por painéis, assuntos tão variados como “Informação e Comunicação Social” (no primeiro dia); “Agricultura e Ambiente”, “Educação, Formação, Cultura e Património”, “Investimento e Opções Estratégicas” e ainda, “Saúde e Acção Social” que deverão ser apresentados e discutidos no dia 18 e, ainda, “Descentralização e Poder Local”, a abordar no último dia dos trabalhos. No programa do Congresso conta-se ainda uma homenagem a António Alexandre Raposo (falecido em Julho

de 1998) que, enquanto director do “Diário do Alentejo”, integrou durante vários anos o Secretariado do Congresso.

Com a sessão solene de abertura prevista para as 17 horas do dia 17, o Fórum é um espaço “aberto a ideias e a ideais, espaço de conhecimentos, análise e debate com todos os que, verdadeiramente, acreditam num Alentejo com potencialidades, com recursos, com vontade para ganhar um lugar de desenvolvimento participado no País e na Europa”, conforme refere uma nota do Secretariado do Congresso.

O Secretariado acrescenta que, à beira do século XXI, “é tempo de viragem, de mudança, de desenvolvimento. É tempo de uma mais forte concentração de esforços, de estratégias participadas de desenvolvimento. É tempo de se ultrapassar os verdadeiros problemas estruturais do Alentejo”.

Apontar as feridas e propor soluções são os objectivos deste Congresso num contributo para a

melhoria das condições de vida na região. “Estamos certos de que, tal como podemos constatar dos anteriores congressos, em que muitos dos projectos para o Alentejo agora equacionados foram denunciados, propostos e defendidos de que são exemplo, entre outros, a concretização do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, o porto de águas profundas de Sines e terminal de carga, a utilização, para fins civis, da Base Aérea de Beja, também o XI Congresso irá formular questões e propor soluções que darão os seus frutos. É a voz e a razão de inúmeras organizações e entidades dos meios políticos, empresariais, técnicos e científicos, civis e religiosos é, acima de tudo, a voz e a razão dos alentejanos”.

O Secretariado do Congresso é composto pela Associação de Defesa do Alqueva, Casa do Alentejo em Lisboa, “Diário do Alentejo”, Universidade de Évora e câmaras municipais de Beja, Portalegre, Sines e Santiago do Cacém. □

## O Tempo



Depois do tempo instável do início da semana, anunciador da proximidade do Outono, as previsões apontam para alguma melhoria no fim-de-semana. Hoje, sexta-feira, o céu estará pouco nublado, mudando para muito nublado a partir da tarde. Amanhã, sábado, mantém-se o céu cinzento. No domingo, haverá melhoria e o sol voltará a brilhar, devendo a temperatura subir ligeiramente.

PS VAI ACABAR COM CCRA

## Carlos Zorrinho será alto comissário regional

Se o Partido Socialista vencer as eleições legislativas de 10 de Outubro próximo, vai adoptar algumas medidas tendo em vista a descentralização e a “reforma da administração periférica do Estado”.

No programa de governo para a próxima legislatura, que ainda não foi formalmente apresentado, o PS já não fala de regionalização, a sua “reforma do século” em 1995. Em contrapartida, os socialistas propõem a criação de cinco altos comissários regionais, equiparados a secretários de Estado e apoiados pelas estruturas das actuais comissões de coordenação regional (CCR), que seriam entretanto extintas.

Segundo o “Diário de Notícias”, as propostas do PS incluem ainda o reforço dos poderes dos governadores civis enquanto entidades de coordenação a nível distrital. Recorde-se que, se a regionalização tivesse avançado, o cargo de governador civil desapareceria.

No caso do Alentejo, há muito que se falava da reformulação ou mesmo do desaparecimento da CCRA, necessidade por todos sentida e que chegou



Mais poderes para Zorrinho

mesmo a ser publicamente admitida por José Ernesto de Oliveira, o ainda presidente do organismo, e por Maria José Constâncio, secretária de Estado do Desenvolvimento Regional.

Em relação ao futuro alto comissário regional, nesta versão cor-de-rosa, o cargo parece desenhado para Carlos Zorrinho, homem forte dos socialistas no Alentejo e coordenador do Pro-Alentejo. Há alguns meses, quando do anúncio das listas do PS para o Parlamento Europeu, os jornais noticiaram que Zorrinho tinha ficado de fora porque

António Guterres contava com ele para outras funções. Ora aí está – alto comissário do Alentejo, com categoria de secretário de Estado, e sem ter que se preocupar mais com o choque de competências entre o ProAlentejo e a CCRA...

“Diário do Alentejo” tentou ouvir Carlos Zorrinho sobre o assunto, mas o dirigente socialista encontrava-se de férias no estrangeiro.

Nesta “regionalização” à PS, com órgãos dirigentes nomeados e não eleitos, resta saber o papel que desempenharão as autarquias alentejanas que, ao longo destes 25 anos, se têm batido pela criação e instituição em concreto de regiões administrativas. E vai ser curioso, também, ver como é que o PS “arrumará” os seus quadros políticos da CCRA, por exemplo o presidente, José Ernesto, e um vice-presidente como Gavino Paixão.

Tudo isto, claro, se o PS ganhar as eleições do próximo mês para a Assembleia da República e se estas medidas “descentralizadoras” agora anunciadas forem concretizadas. □

Publicidade

### PORTIMÃO

INSTITUTO SUPERIOR DE MATEMÁTICA E GESTÃO

INSTITUTO SUPERIOR DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

## INSCRIÇÕES ABERTAS

O RUMO CERTO PARA UMA PROFISSÃO SEGURA

### LICENCIATURAS

**ARQUITECTURA**  
Portaria n.º 1259/97, de 19 de Dezembro

**GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS**  
Portaria n.º 1273/97, de 29 de Dezembro

### BACHARELADOS

**CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO**  
Portaria n.º 1077/90, de 24 de Outubro e 1172/93, de 9 de Novembro

**DESIGN**  
Portaria n.º 183/98, de 18 de Março

**GESTÃO DE EMPRESAS TURÍSTICAS E HOTELEIRAS**  
Portaria n.º 138/90, de 14 de Fevereiro e 1172/93, de 9 de Novembro

**INFORMÁTICA DE GESTÃO**  
Portaria n.º 1077/90, de 24 de Outubro e 1172/93, de 9 de Novembro

**SOCIOLOGIA APLICADA**  
Portaria n.º 1076/90, de 24 de Outubro e 1172/93, de 9 de Novembro

### CANDIDATURAS

**1.ª FASE : DE 1 DE JULHO A 16 DE AGOSTO**

**2.ª FASE : DE 17 DE AGOSTO A 30 DE SETEMBRO**

Avenida Miguel Bombarda nº 15 8500-508 Portimão

telef.: 082/450430 fax: 082/450439

Publicidade

## CASTRO VERDE

10, 11, 12 DE SETEMBRO 1999

ENCONTROS MUSICAIS DE TRADIÇÃO MEDITERRÂNICA

### Planície Mediterrânica

**Música:**

- 10 de Setembro
- Vozes de Casével (Alentejo) - 21.00h - Café Mediterrâneo
- Bendo Group (Eslováquia) - 22.00h - Cine-Teatro Municipal
- Bizantina (Itália) - 22.00h - Cine-Teatro Municipal

- 11 de Setembro

- Violas Campaniças (Alentejo) - 22.00h - Cine-Teatro Municipal
- Jil Jilala (Marrocos) - 22.00h - Cine-Teatro Municipal
- Gil Nave e Galissa (Portugal/Guiné) - 24.00h - Café Mediterrâneo

- 12 de Setembro

- As Camponesas (Alentejo) - 15.30h - Café Mediterrâneo
- Os Ganhões (Alentejo) - 21.30h - Cine-Teatro Municipal
- Eric Fernandez (Espanha) - 21.30h - Cine-Teatro Municipal
- Rão Kyão (Portugal) - 21.30h - Cine-Teatro Municipal

**Cinema:**

- 8 de Setembro
- "O Sabor da Cereja" de Abbas Kiarastami (Irão)
- 9 de Setembro - "Tempo dos Ciganos" de Emir Kusturica (Jugoslávia)

**Conversas:**

- 11 de Setembro
- "O Mundo Mediterrânico" por Dr. Cláudio Torres e Dr. Borges Coelho - 16.00h - Biblioteca Municipal
- 12 de Setembro
- "A Poesia de Almu'Tamid" por Dr. Adalberto Alves - 16.30h - Biblioteca Municipal

**Poesia:**

- 12 de Setembro
- "Os Poetas do Al-Garb e do Al-Andalus" por Eduardo Ramos - 18.00h - Café Mediterrâneo

**Exposições:**

- "Entre Tejo e Odiana" - Campo Arqueológico de Mértola
- "A Líbia" por Ângelo Lucas
- "Mértola" por José Manuel Rodrigues, Luis Pavão, António Cunha e Mariano Piçarra

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE  
FESTIVAL SETE SÓIS SETE LUAS

Apoio: Antena 1; Rádio Castrense; Região de Turismo Planície Dourada  
Campo Arqueológico de Mértola

## entrevista

Bispo de Beja sobre Timor:  
"Fomos ingênuos" pág. 18 e 19



## desporto

Grande Prémio  
de Cuba em ciclismo pág. 32



# Diário do Alentejo

ANO LXVIII Nº 908 (II SÉRIE) • 17 A 23 DE SETEMBRO DE 1999 • JORNAL REGIONALISTA INDEPENDENTE • DIRECTOR: CARLOS LOPES PEREIRA • SAI ÀS SEXTAS-FEIRAS • 130\$00 • TAXA PAGA 7800 BEJA

em foco

O XI Congresso sobre o Alentejo reúne-se hoje, amanhã e domingo, em Santiago do Cacém. O lema é "Descentralizar, Investir, Desenvolver/Uma Aposta no Futuro" e espera-se a participação de cerca de 500 congressistas

## "Temos de estar unidos"

A sessão de abertura do XI Congresso sobre o Alentejo realiza-se hoje, sexta-feira, pelas 17 horas, no Pavilhão Municipal dos Desportos, em Santiago do Cacém. Ao longo de três dias, serão discutidos em plenário temas que vão da informação à descentralização, passando pela agricultura e ambiente, pela educação, formação, cultura e património, pelo investimento e opções estratégicas e pela saúde e acção social.



O XI Congresso, que termina ao fim da manhã de domingo, vai prestar homenagem a António Alexandre Raposo, que foi presidente da Câmara Municipal de Aljustrel e director do "Diário do Alentejo" e, como tal, um dos organizadores das primeiras nove edições do Congresso sobre o Alentejo. Espera-se que 500 pessoas participem no fórum de Santiago do Cacém. pág. 2 e 3



beja

## Ministra da Saúde em visita discreta

Maria de Belém deslocou-se a Beja para assinalar os 20 anos do Serviço Nacional de Saúde. Não foram convidados autarcas e os jornalistas também não foram avisados. A ministra agastou-se. pág. 8

José Ferrolho

## Alentejo solidário com povo timorense pág. 6 e 7



editorial

## Repúdio

Uma vez mais, os alentejanos vão reunir-se em Congresso para discutir os problemas do desenvolvimento da região.

Apesar de algumas auto-exclusões anunciadas, já habituais, o fórum deste fim-de-semana será, como em edições anteriores, um espaço democrático de convergência de esforços dos que acreditam e apostam no futuro do Alentejo, à entrada do novo século.

As conclusões do Congresso de Santiago do Cacém serão mais um contributo válido para a resolução dos grandes problemas de uma região de indiscutíveis potencialidades até agora não aproveitadas – ninguém o duvida – por exclusiva responsabilidade do poder central, incluindo o do último quarto de século, com poucas excepções.

Realizando-se a poucas semanas de eleições legislativas, o XI Congresso sobre o Alentejo não deixará também de constituir uma chamada de atenção ao futuro governo, no sentido de que na próxima legislatura haja vontade política para se cumprir, finalmente, as múltiplas promessas de mais investimento e de melhor descentralização administrativa, condições indispensáveis ao desenvolvimento da região.

A décima-primeira edição do Congresso coincide com a tragédia vivida pelo povo de Timor Leste.

Será oportunidade para que os alentejanos reafirmem – como o tem feito nos últimos dias a generalidade dos portugueses, numa impressionante onda de solidariedade com os timorenses – o seu repúdio pelos horrendos crimes cometidos pela Indonésia sobre populações indefesas.

E reafirmem igualmente a sua indignação pelas hesitações, recuos e atrasos da comunidade internacional, liderada pelos Estados Unidos, que só duas semanas depois do referendo de 30 de Agosto, em que a esmagadora maioria dos timorenses se pronunciou pela independência nacional, decidiu o envio de uma força multinacional para pôr cobro ao extermínio sistemático e generalizado do povo maubere.

Carlos Lopes Pereira



évora

## Portugal Air Show valoriza aeródromo

O Portugal Air Show 99 levou milhares de pessoas ao Aeródromo Municipal de Évora, considerado uma peça importante na estratégia de desenvolvimento daquele concelho. pág. 10



portalegre

## Reformados apresentam exigências

Mais de 500 pessoas participaram, em Portalegre, no III Encontro das Organizações de e para Reformados, Pensionistas e Idosos do Alentejo. Foi aprovado um leque de reivindicações por melhores condições de vida para os mais velhos. pág. 17

# A abrir

## Comício de Guterres em Évora

No quadro da campanha eleitoral para as próximas eleições legislativas, que se realizam a 10 de Outubro, o secretário geral do PS, António Guterres, marca o início da campanha em Évora, no próximo dia 25. Guterres participa no próximo fim-de-semana (sábado), num comício previsto para as 22 horas, junto ao Templo de Diana, em Évora. □

## Desemprego na Siemens

A Siemens tem em curso, em todas as fábricas, uma forte ofensiva com vista à redução de pessoal que, em Évora e em outras duas unidades, já levou à eliminação de centenas de postos de trabalho. Os delegados sindicais das empresas do Grupo Siemens reúnem-se, no próximo dia 23, com a administração central da empresa para debater o gravíssimo quadro laboral, designadamente a instabilidade laboral em todas as unidades. E denunciam que, “ao contrário das declarações feitas em Maio no Ministério do Emprego e Formação Profissional, a administração da Siemens, sem quaisquer razões económicas ou de mercado que o justifiquem, está a desinvestir no nosso país e a empurrar centenas de trabalhadores para o drama social do desemprego”. Os sindicalistas prosseguem que, apesar do que está a fazer aos trabalhadores, esta empresa “mantém um discurso e uma fachada de estabilidade, para encapotar os seus reais objectivos, na mira de, ainda assim, receber mais apoios do Estado e conseguir a adjudicação de obras públicas orçadas em milhões de contos”. □

## Um dia de salário por Timor

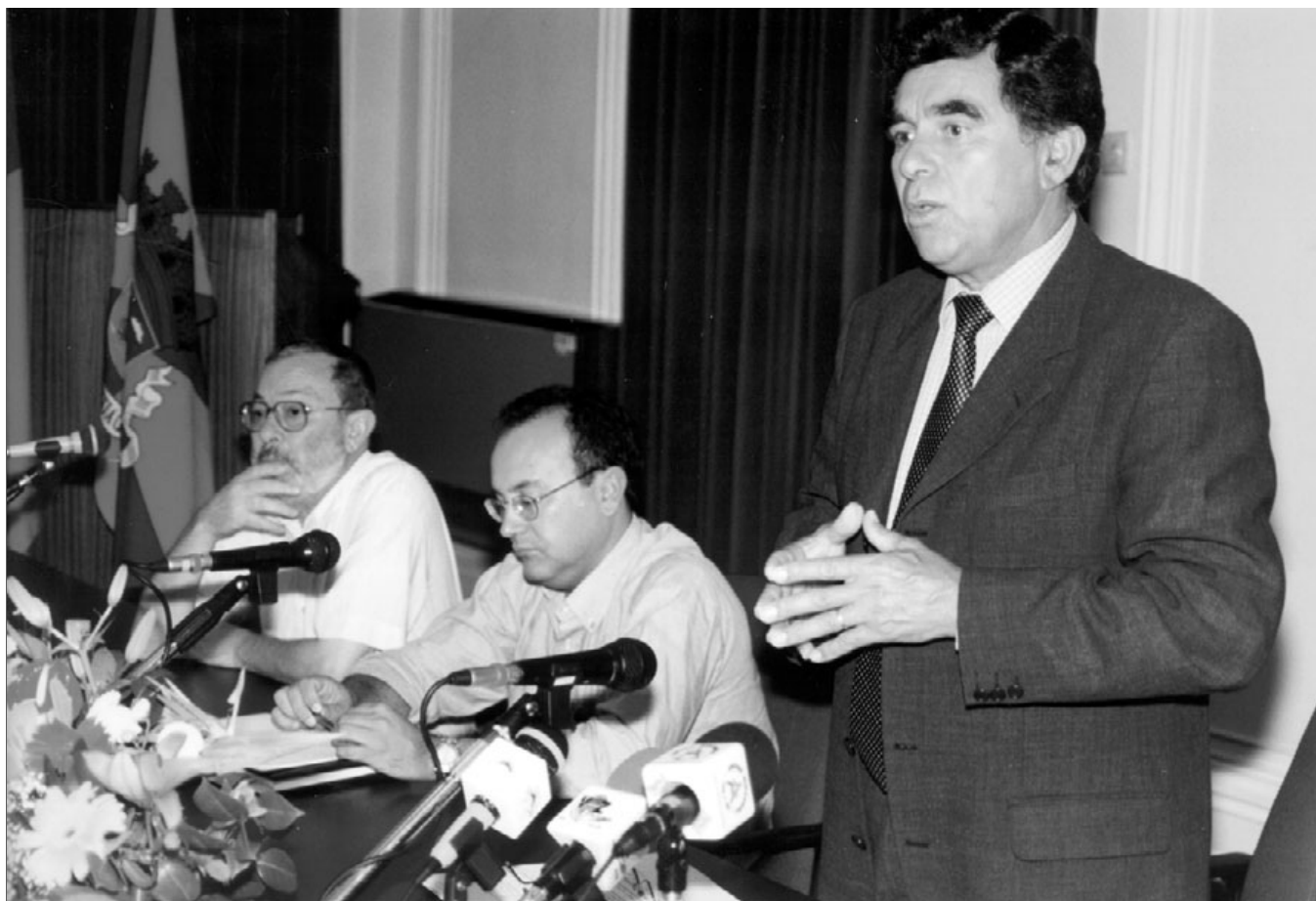
O Secretariado Inter-Regional do Alentejo da CGTP-IN promoveu um encontro de quadros sindicais do Alentejo, subordinado ao tema “Acção reivindicativa para o ano 2000 e reivindicações específicas para o Alentejo”. O encontro decorreu no Palácio D. Manuel, na quarta-feira, 15, e contou com a presença do coordenador da CGTP, Manuel Carvalho da Silva. Os quadros sindicais presentes aprovaram uma moção que, entre outras reivindicações, prevê a possibilidade de os trabalhadores portugueses virem a contribuir com “um dia de salário a favor de Timor livre e independente”. Tendo em conta a acumulação de riqueza nos movimentos financeiros, a moção prevê “que todas as operações da Bolsa, durante o ano 2000, sejam sujeitas a uma taxa de carácter excepcional a favor de Timor”. □



## Mundo rural solidário

Por iniciativa das associações de desenvolvimento local e de outras entidades ligadas ao mundo rural, foi lançada, recentemente, uma campanha de solidariedade por Timor que se traduziu na recolha de mais de 20 mil assinaturas de apoio em menos de 48 horas. Os promotores da iniciativa referem que “o povo de Timor está a atravessar um dos momentos mais difíceis da sua existência. Logo após a afirmação da sua vontade foi submetido a todo o tipo de violência e perseguido impunemente, perante a incredulidade, a hipocrisia e a incapacidade da comunidade internacional de fazer valer o direito e a vontade de um povo a definir o seu destino”. Mais adiantam os subscritores desta campanha que “o mundo rural é um mundo marcado pela solidariedade, pela proximidade e pelo sentimento de família. O mundo rural português, aqui representado pelas associações de desenvolvimento local e por outras entidades que, nos seus territórios, trabalham pela melhoria das condições de vida das populações, quer neste momento afirmar a sua total solidariedade com o povo de Timor Lorosae que se consubstancia em três pontos essenciais”. São eles a partilha do sofrimento, a exigência que a comunidade internacional cumpra a sua obrigação e assegure ao povo de Timor a possibilidade de construir o seu destino e disponibilizar toda a sua solidariedade na construção do seu novo estado. □

# Em foco



Santiago do Cacém e o presidente da sua Câmara Municipal, Ramiro Beja, acolhem o XI Congresso sobre o Alentejo

## XI CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO EM SANTIAGO DO CACÉM

# “Temos de estar unidos”

Texto de Joana Gomes Correia • Fotos de José Ferrolho

**“O momento é de largarmos a camisola partidária, darmos as mãos e contribuirmos, todos juntos, para a resolução dos problemas do Alentejo”. A afirmação é de Ramiro Beja, presidente da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, cidade anfitriã do XI Congresso sobre o Alentejo que ali vai decorrer desde hoje, sexta-feira, até domingo. Com a presença já confirmada de mais de 500 participantes, o fórum conta com oradores de diversas sensibilidades e destacada competência nos diversos domínios agendados com vista a que a discussão seja o mais ampla e plural possível. Esta foi, de resto, uma das principais preocupações do Secretariado do Congresso de modo a que “das conclusões saiam contributos válidos para quem tem a obrigação de implementar no terreno as medidas que invertam todo o tipo de problemas que temos vindo a assistir ao longo de vários anos”, acrescentou Ramiro Beja.**

**D**escentralizar, Investir, Desenvolver – Uma Aposta no Futuro” é o lema do XI Congresso sobre o Alentejo que decorre até domingo no Pavilhão Municipal de Desportos de Santiago do Cacém. Foi nesta cidade, precisamente, que o Secretariado do Congresso – constituído pelas câmaras municipais de Santiago do Cacém, de Beja, de Évora, de Portalegre e de Sines e ainda pela Universidade de Évora, Associação de Defesa do Alqueva, Casa do Alentejo e “Diário do Alentejo” – promoveu, no passado dia 9, uma conferência de imprensa para apresentação do programa e das suas principais linhas orientadoras.

Como anfitrião, Ramiro Beja sublinhou que “o Congresso é supra-partidário e, enquanto tal, deve ser de todos os alentejanos sem outros objecti-

vos que não sejam contribuir para o desenvolvimento da região e para a resolução dos graves problemas de que padece”.

Acerca dos domínios sobre os quais o Congresso vai basear a sua discussão, Miguel Quaresma, representante da Câmara de Beja, referiu que “a primeira grande questão diz respeito aos novos desafios que se colocam à região no que diz respeito à informação e comunicação social. Vivemos numa sociedade da informação e do conhecimento e, por isso, a comunicação social desempenha um papel primordial na questão do desenvolvimento. Para abordar este tema, agendado para as 18 e 30 horas de hoje, foram convidados o sociólogo Paquete de Oliveira e o jornalista e investigador Fernando Correia”.

Miguel Quaresma acrescentou que “ainda neste rol de questões coloca-se o problema do



investimento e dos caminhos a seguir no sentido de confirmarmos algumas opções estratégicas e aprofundarmos a discussão relativamente a alguns grandes empreendimentos que, estando já definidos em termos de investimento, ainda não são uma realidade efectiva com problemas de execução no futuro. Para lançar a discussão acerca desta temática, foram convidados António Covas (professor da Universidade de Évora), Joaquim Miranda (deputado pelo PCP) e Albertino Santana (especialista em assuntos relacionados com investimentos)”. Este painel está previsto para as 15 horas de amanhã, sábado.

Outra questão referida pelo representante da Câmara de Beja é o reforço e a dinamização da base económica. Neste ponto “centrámo-nos nas questões relacionadas com a agricultura e o ambiente como dois sectores que estão associados não só em termos de preservação como da promoção do ambiente trazido como uma grande potencialidade de desenvolvimento”. A apresentação e discussão deste tema é amanhã, às 10 horas, com a participação de Sevinete Pinto, investigador em questões

agrárias, e Roberto Mileu.

A terceira grande preocupação apontada por Miguel Quaresma centra-se na qualificação social e humana, problemática que será abordada no painel da “Educação, Formação, Cultura, e Património”, que se realiza amanhã, às 11 e 15 horas. Participam a historiadora Carmen Ballesteros, Toucinho da Silva, vice-presidente do Instituto Politécnico de Beja, e Cláudio Torres, coordenador do Campo Arqueológico de Mértola; e no painel da “Saúde e Acção Social”, este previsto para as 16 e 15 horas do mesmo dia e conta com a participação de Manuel Carvalho da Silva, da CGTP-IN, e de Sérgio Martins, médico e autarca.

Por último, Miguel Quaresma refere “os instrumentos de intervenção onde a descentralização aparece como uma importante metodologia e espaço de intervenção a nível do desenvolvimento e, por outro lado, a estrutura do Poder Local enquanto elemento de desenvolvimento no futuro, partindo dos indicadores revelados nos últimos 25 anos”. Este painel, onde deverão ser abordados projectos como a utilização civil da

BA11, o Porto de Sines, IP8, Alqueva, entre muitos outros, realiza-se no domingo, às 10 e 30 horas. Os oradores são Luís Sá, especialista nas questões sobre o Poder Local, e Eduardo Cabrita, ex-comissário para as questões da regionalização.

#### Governantes não participam devido às eleições legislativas

Apesar de terem sido endereçados convites ao primeiro-ministro e ao Presidente da República para as sessões de abertura e de encerramento do Congresso, nenhum dos dois estará presente nem se fará representar neste fórum. O presidente da Câmara de Santiago do Cacém disse que, do gabinete do primeiro-ministro, o Secretariado recebeu uma missiva através da qual o chefe do Governo declinava o convite justificando “a reserva originada pelo facto de, nas datas previstas, nos encontrarmos em pleno período eleitoral”. Lamentando a ausência de quaisquer membros do Governo, o presidente da Câmara de Santiago do Cacém referiu que “nós – Secretariado – pensamos que uma coisa são eleições e outra é o Congresso sobre o Alentejo, que pretendemos cada vez mais afirmativo, mais plural e mais participado para que as conclusões possam ter, de facto, execução. Entendemos que o facto deste acontecer 21 dias antes das eleições não deve ser, do nosso ponto de vista, motivo para que alguém decline a sua participação”. Além do mais, a data do Congresso foi determinada antes de se conhecer a das eleições.

O Secretariado do Congresso convidou também todos os deputados pelo Alentejo e pelo distrito de Setúbal, muitos dos quais já confirmaram a sua presença.

Em resposta à postura de alguns elementos do PS de Beja que dizem não participar no fórum por considerarem que as conclusões estarão viciadas, Ramiro Beja disse que “a adesão que temos de pessoas liga-



das a todos os partidos políticos está a deixar essas pessoas isoladas. Há pessoas que se auto-excluem e se o fazem estão a dar a possibilidade de outros ficarem sozinhos. Aqui é que reside o problema. Podem dizer que é preciso fazer outro congresso. Eu pergunto: qual? Será outro onde sejam só essas pessoas a dar as orientações? Nós não queremos isso. Queremos sim um congresso onde toda a gente participe. Se há pessoas que o não fazem tenho muita pena. Tenho a certeza que o Congresso será tanto mais rico quanto mais participação e contributos receber das mais variadas sensibilidades. Esta é uma preocupação que sublinhamos. E o futuro vai dar-nos razão”. O autarca lamenta ainda o facto de “alguns alentejanos que, por motivos que não são o interesse da região, tomem posições que na prática são prejudiciais à solução dos problemas do Alentejo”.

Também José Chitas, representante da Casa do Alentejo, abordou esta questão ao lembrar que no decorrer das várias edições do Congresso, variadíssimas autarquias do PS têm contribuído (e continuam a fazê-lo) para a sua realização e elevação. Além disso, ao Secretariado do XI Congresso pertence o município de

Portalegre, que é do PS”.

“Temos de estar unidos pelo Alentejo e não podemos fazer de cada autarquia uma courela em que cada um tenha a sua cor”, adiantou José Chitas, recordando que o Alentejo é uma só região com problemas sectoriais extraordinariamente difíceis, a nível cultural, social, educativo, de saúde, agrícola, das pescas, do subsolo”.

#### Descentralizar, investir, desenvolver é o tema

A propósito do lema do Congresso “Descentralizar, Investir, Desenvolver – Uma Aposta no Futuro”, o representante da Casa do Alentejo acrescentou que “não se pode desenvolver sem investir. Não se pode investir sem descentralizar”. Apesar de remeter a abordagem e discussão desta questão para os diversos participantes e oradores, José Chitas prosseguiu que “para desenvolvermos a região, temos de saber apostar no homem, na cultura, na técnica, nas finanças e em todas as condições intrínsecas que promovam esse desenvolvimento. Os investidores só podem apostar aqui se encontrarem terreno propício ao risco inerente a essa aposta”.

Alertando para alguns perigos subjacentes à descentralização sem intervenção das mais diversas entidades da região, José Chitas prosseguiu que “os organismos da confiança ilimitada do Governo não fazem mais do que cumprir as suas próprias determinações, inclusivamente, no que toca aos investimentos públicos. Hoje fala-se em milhões de contos para projectos a aplicar no Alentejo, nomeadamente, para Alqueva mas ainda não se discutiu uma questão importantíssima que é o regime fundiário da terra. Além desta questão, absolutamente essencial, para que Alqueva seja uma realidade, faltam ainda os planos de rega para podermos levar o sangue ao corpo que irá ser explorado”, acrescentou Chitas.

#### AS 10 EDIÇÕES ANTERIORES DO CONGRESSO

## Espaço democrático de debate e reflexão

Espaço democrático de debate e reflexão sobre os grandes problemas da região e do País, o Congresso sobre o Alentejo, representativo das diferentes opiniões e sensibilidades dos alentejanos, tem procurado, ao longo da última década e meia, abordar as questões que em cada momento assumem maior relevância.

O XI Congresso do Alentejo, em Santiago do Cacém, tem atrás um historial de uma dezena de edições deste grande fórum regional. Os estudos e as propostas dos congressos efectuados constituem um valioso património de conhecimentos e experiências, incontornáveis sempre que se trata de encontrar soluções para a gravíssima crise económica e social que persiste no Alentejo.

As primeiras notícias dando conta do interesse de círculos próximos da Casa do Alentejo em Lisboa em reunir um congresso alentejano remontam a 1932 e 1933, quando se realizaram o I e o II Congressos de Imprensa Alentejana. Após várias tentativas, só mais de 50 anos depois, em 1985, nas condições de liberdade e vivência democrática que o 25 de Abril possibilitou, foi possível concretizar o sonho.

O I Congresso sobre o Alentejo teve lugar em Évora, de 25 a 27 de Outubro de 1985, sob o lema “Semeando Novos Rumos”.

Beja acolheu o II Congresso sobre o Alentejo, de 15 a 17 de Maio de 1987, de novo com o lema “Semeando Novos Rumos”.

Concebido como fórum bienal, o Congresso sobre o Alentejo reuniu-se pela terceira vez em Elvas de 5 a 7 de Outubro

de 1989, ainda com o lema “Semeando Novos Rumos”, centrando os debates nos problemas do desenvolvimento equacionados na óptica da integração de Portugal no Mercado Comum.

Sines acolheu o IV Congresso sobre o Alentejo, a 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 1991, sempre com o lema “Semeando Novos Rumos”, mas agora com o slogan “Uma Década para Recuperar o Atraso”.

O V Congresso sobre o Alentejo, convocado em sessão extraordinária, teve lugar em Beja, a 13 de Junho de 1992, sendo o tema, em período de prolongada seca, “Água, Factor de Desenvolvimento”.

A 28, 29 e 30 de Maio de 1993, o VI Congresso sobre o Alentejo reuniu-se em Portalegre, ainda “Semeando Novos Rumos” mas colocando a reflexão em torno de “O Alentejo e a Europa Comunitária – Desenvolvimento Transfronteiriço”. Esta temática, do desenvolvimento transfronteiriço, a água, a cultura e o património, o turismo e o ambiente, bem como a regionalização administrativa voltaram a estar no centro das atenções dos congressistas, em debates organizados por diversos painéis. Em Portalegre, foram homenageados José Régio, Salgueiro Maia e Túlio Espanca.

Dez anos depois, o grande fórum alentejano voltou a Évora, ali se realizando a sua sétima edição. Sempre “Semeando Novos Rumos”, o VII Congresso sobre o Alentejo decorreu de 12 a 14 de Maio de 1995 na Universidade de Évora, para reflectir sobre “O Alentejo no limiar do século XXI – A diáspora alentejana e os cenários de futuro”.

Convocado de novo em ses-

são extraordinária, o VIII Congresso sobre o Alentejo realizou-se em Moura, a 6 de Abril de 1996, para debater, uma vez mais, o tema “Regionalização e Desenvolvimento”.

O IX Congresso sobre o Alentejo, ordinário, reuniu-se em Estremoz, de 26 a 28 de Setembro de 1997, com o tema “Alentejo, Políticas e Instrumentos para o Desenvolvimento”. Com trabalhos repartidos por diferentes painéis, o Congresso reafirmou a importância do empreendimento de Alqueva e da instituição da região administrativa do Alentejo para o desenvolvimento regional. Foram prestadas homenagens a Aníbal Falcato Alves, José Sena e Vítor Paquete.

Finalmente, o X Congresso sobre o Alentejo, extraordinário, realizou-se a 17 de Outubro de 1998, na vila de Serpa. Mais de 500 participantes debateram o tema “Regiões Administrativas – Factor de Coesão e Desenvolvimento”, subdividido em dois subtemas: “Órgãos regionais – competências e atribuições, financiamento e relações institucionais” e “A região como factor de desenvolvimento”.

Em suma: ao longo destes quase 15 anos, desde o I Congresso sobre o Alentejo, em 1985, em Évora, os grandes problemas do Alentejo e do País – de Alqueva à regionalização, sempre com a ideia do desenvolvimento presente – têm sido tratados no grande fórum dos alentejanos.

O XI Congresso sobre o Alentejo, em Santiago do Cacém, o último deste século, será mais um contributo ao desenvolvimento da região. □

# Desenvolver o Litoral e todo o Alentejo

O Congresso sobre o Alentejo vai ser realizado em Santiago do Cacém que já o ano passado se tinha candidatado a receber este fórum tão importante para a apresentação e discussão de todas as questões relativas à região. E a região, um terço do País, é constituída pelo interior e pelo litoral, com potencialidades e problemas a que tem de ser dada maior atenção. Ficam aqui algumas questões, abordadas na conferência de imprensa, relativas ao litoral.

Ramiro Beja, autarca de Santiago do Cacém, referiu que “a Associação dos Municípios do Litoral Alentejano tem como preocupação defender a costa alentejana, uma costa ímpar no País e na Europa, com potencialidades e características extraordinárias para a fruição do turismo de praia e de costa. A isto está ligada a componente de desenvolvimento económico à qual temos de associar as condições a dar às pessoas, não só a quem vai às praias e a quem cá vive, como também para o negócio e para viver condignamente durante todo o ano”.

Ao chamar a atenção para este tipo de questões, o autarca acrescentou que “há alguns pontos relativamente ao PROTALI com os quais não concordamos por serem exagerados para o equilíbrio e fruição da costa” e recordou que os grandes defensores da costa alentejana, no sentido do equilíbrio entre a preservação e a sua fruição, têm sido as autarquias. “A costa é defendida, promovida, qualificada pelas autarquias”, disse.

Também o presidente da Câmara de Sines, Manuel Coelho, salientou a



O Congresso sobre o Alentejo realiza-se de novo no Litoral

defesa e o “desenvolvimento do Alentejo de uma forma sustentada e equilibrada. Não só com grandes projectos mas também com outros mais pequenos que façam sentido, tipo âncora e que dêem azo a uma rede de projectos”.

Ao recordar os dois grandes projectos comprometidos pelo Governo em Sines: o terminal XXI (Porto de Sines) e o terminal de gás natural, Manuel Coelho sublinhou que enquanto autarca do Alentejo e por isso olhando necessariamente para a região como um todo, pre-

tende que eles sirvam toda a região. “Defendemos que se olhe, de vez, para o Alentejo, com olhos de interesse por parte do Governo e dos organismos regionais. Pretendemos que se construam as linhas rodoviárias de atravessamento (o IP8 e o IC 33), a nova ferrovia (moderna e competitiva), que ligue o litoral a todo o Alentejo, a Espanha e à Europa. Estas vias são importantes não só para servir o Porto de Sines, como para proporcionar desenvolvimento também ao litoral: a Santiago e a outros concelhos em termos de melhores acessibilidades não só para o turismo, como para todos os outros sectores da região. O aeródromo, que se situa entre Sines e Santiago (junto a Borealis), terá valências a nível regional, necessárias ao desenvolvimento. Tão importante quanto o que referi é também uma rede de pequenas e médias empresas nesta zona que se configura como o mecanismo mais importante para dinamizar as economias locais”.

O presidente da Câmara de Sines defende que “as grandes infra-estruturas são importantes mas, só por si, não proporcionaram o desenvolvimento que se deseja equilibrado. No Congresso vamos defender para o Alentejo, incluindo o Litoral, investimentos que proporcionem o desenvolvimento de todo o Alentejo, desde o subsolo (rochas e minério), à agro-pecuária, agro-indústria e aos portos e à pesca. O litoral tem muito a dar. Precisa é de investimentos que o compreendam como uma parte integrante e complementar do Alentejo”. □

J.G.C.



# Diário do Alentejo

ANO LXVIII N° 909 (II SÉRIE) • 24 A 30 DE SETEMBRO DE 1999 • JORNAL REGIONALISTA INDEPENDENTE • DIRECTOR: CARLOS LOPES PEREIRA • SAI ÀS SEXTAS-FEIRAS • 130\$00 • TAXA PAGA 7800 BEJA

editorial

## Tenacidade

Os alentejanos não se calam, não desistem, não desistem. Lutam, reivindicam, exigem. Com enorme dedicação, continuam a bater-se contra as adversidades do presente, apostando num amanhã mais justo para a sua terra.

Um bom exemplo desta forma de estar na vida foi o XI Congresso sobre o Alentejo, que reuniu este fim-de-semana, em Santiago do Cacém, mais de 600 quadros. Autarcas, universitários, técnicos, sindicalistas, empresários, dirigentes partidários, debateram os principais problemas da região, apresentaram propostas, exigem soluções.

Tanta tenacidade há-de dar frutos.

## Esperanças

Chegaram a Timor Leste, finalmente, as forças da Interfet. Renovam-se as esperanças que os timorenses possam, enfim, construir em paz o país independente por que tanto lutaram.

Solidárias com o povo maubere, as diferentes instituições alentejanas, como as do resto de Portugal, vão de certo intensificar a cooperação com as suas congéneres do futuro Estado de Timor Lorosae.

Assim o permitam os polícias do mundo, a comunidade internacional, o regime indonésio, os interesses dos vizinhos de Timor e, sobretudo, os responsáveis da nóvel nação.

## Expectativas

Estamos a pouco mais de duas semanas das eleições para a Assembleia da República. A 10 de Outubro, os portugueses vão escolher o novo Parlamento e, em função das maiorias que aí se formarem, a(s) política(s) para os próximos quatro anos.

Como habitualmente, há quem tente reduzir estas eleições legislativas à mera escolha do primeiro-ministro ou apenas à ocasião em que se decide a alternância entre os dois partidos do costume.

As expectativas, no entanto, podem ser diferentes, se os cidadãos apostarem não na continuidade mas na mudança. À esquerda, claro.

*Carlos Lopes Pereira*

em foco

O XI Congresso sobre o Alentejo, em Santiago do Cacém, reuniu mais de 600 congressistas e, desmentindo os poucos que teimam em o partidizar, promoveu um debate plural de grande qualidade sobre a actualidade e o futuro da região

# Congresso reivindica regionalização



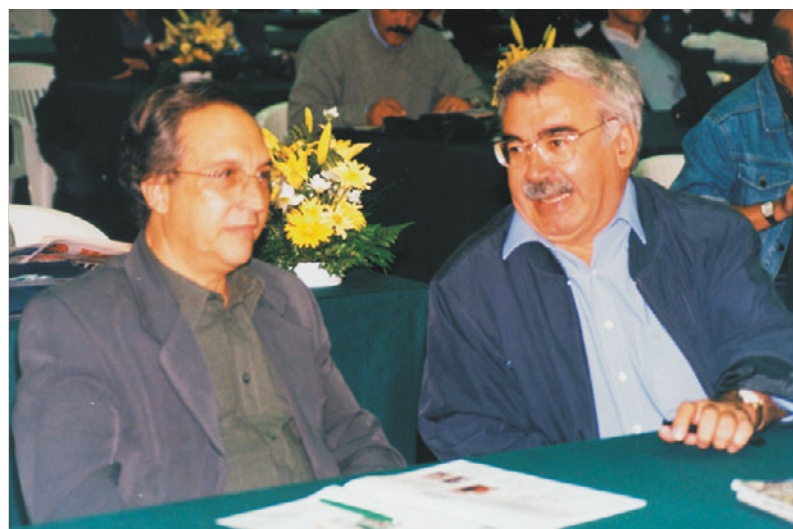
O Congresso de Santiago do Cacém prestou homenagem a António Alexandre Raposo



Cláudio Torres, director do Campo Arqueológico de Mértola, foi um dos participantes



Carmelo Aires, do PSD/Évora, e Carlos Zorrinho, do PS e coordenador do ProAlentejo



Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, esteve presente no fecho do Congresso

O XI Congresso sobre o Alentejo, realizado no passado fim-de-semana em Santiago do Cacém, reiterou a necessidade de se continuar a batalha pela regionalização. Tendo em conta a vontade manifestada pelos alentejanos no referendo do ano passado, o Congresso sugeriu mesmo a revisão da disposição constitucional que impõe a simultaneidade da instituição das regiões em concreto. No quadro da luta pela descentralização administrativa, foi proposta a substituição das CCRs



por institutos regionais. Bem organizado e muito participado – mais de 600 congressistas passaram pelo Pavilhão Municipal dos Desportos –, o XI Congresso, além das resoluções sobre os seis temas abordados, homenageou António Alexandre Raposo, antigo presidente da Câmara de Aljustrel e director do “Diário do Alentejo”, desaparecido em 1998. O Congresso decidiu ainda promover conferências e seminários temáticos, até à sua próxima edição, em 2001.

# A abrir

## Guterres no Alentejo

O Partido Socialista faz amanhã, sábado, o arranque da campanha eleitoral no Alentejo, com a participação de António Guterres, secretário-geral do partido, em dois comícios: um em Portalegre, marcado para as 18 e 30 horas, no Rossio, e o outro em Évora, previsto para as 22 horas, no Templo de Diana. Guterres aproveita a sua estadia na região para novo comício, a realizar em Beja, no domingo, a partir das 21 e 30 horas, no Largo da Sé (junto ao castelo).

Esta visita de António Guterres está inserida na caravana nacional do PS que percorre todo o País.

Entretanto, a Federação Regional do Baixo Alentejo do PS apresenta hoje, sexta-feira, o seu manifesto eleitoral, às 19 e 3ª horas, no Centro Cultural de Cuba. Segundo os representantes da Federação, “as propostas a apresentar serão o compromisso político dos candidatos do PS, tendo em vista o desenvolvimento do Baixo Alentejo”. □

## Manifesto da CDU de Beja

Rodeia Machado, cabeça de lista da CDU pelo círculo de Beja, apresentou, juntamente com os restantes elementos (efectivos) da sua lista, o manifesto eleitoral do distrito. O documento, que está a ser distribuído através do contacto directo com os eleitores, visa três objectivos essenciais: divulgar a lista de candidatos da CDU pelo círculo eleitoral de Beja; “dar a conhecer alguns dos muitos homens e mulheres que apoiam e apelam ao voto na CDU; apresentar algumas das principais propostas da CDU para responder à grave crise sócio-económica que o distrito continua a viver”. Entre as propostas contam-se a aproximação dos eleitos aos seus eleitores; a participação das mulheres na acção política (sem necessidade de recorrer a quotas); mais investimento público para a região (um mínimo de 15 por cento do montante do III Quadro Comunitário de Apoio); a necessidade de um plano de desenvolvimento integrado para o Alentejo; mais e melhor descentralização; modificação do perfil produtivo e a criação de uma base económica regional e diversificada; mais e melhor saúde; e ainda um programa de incentivos fiscais.

Na sua campanha de contacto directo com os eleitores, os candidatos participam hoje, amanhã e domingo, em mini comícios, sessões de esclarecimento e em porta-a-porta um pouco por todo o distrito. □

## Raul e Durão em Beja

O candidato do PSD pelo círculo eleitoral de Beja, José Raul Santos, está a fazer uma ronda por todo o distrito para apresentação das propostas da sua candidatura. Hoje, amanhã e domingo, o candidato vai estar em Odemira, Aljustrel, Almodôvar, Barrancos e Mértola.

Atento às movimentações dos outros partidos, José Raul reagiu esta semana à visita ao distrito de Beja do ministro do Equipamento, João Cravinho e da ministra do Ambiente, Elisa Ferreira, classificadas pelo candidato como “um acto do mais descarado cariz eleitoralista que o Partido Socialista teima em repetir, confiante de que as pessoas não darão por isso”. Raul Santos prossegue que “é confrangedor ouvir dizer que o Alentejo na próxima década será um oásis de promissora realidade, mas é do mais elementar bom senso concluir que não é possível acontecerem coisas desta natureza em lado nenhum, de uma forma tão repentina”.

Entretanto, à hora do fecho desta edição do “Diário do Alentejo”, previa-se a participação de Durão Barroso, candidato social-democrata a primeiro-ministro, num comício a realizar na Casa da Cultura de Beja. □

# Em foco



Por unanimidade, o XI Congresso sobre o Alentejo exigiu mais descentralização e mais investimentos na região para mais desenvolvimento

## XI CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO EM SANTIAGO DO CACÉM FOI UM ÊXITO

# Um debate alargado

Textos de Joana Gomes Correia  
Fotos de José Ferrolho

**O XI Congresso sobre o Alentejo realizado em Santiago do Cacém a 17, 18 e 19 do corrente, ficou marcado por uma grande pluralidade de pontos de vista, pela qualidade das intervenções e pela eficiência na organização do fórum, em que participaram mais de 600 congressistas e convidados.**

Aos mais de 600 congressistas e convidados que interviewaram e acompanharam os trabalhos juntaram-se, no último dia do fórum, várias centenas de pessoas que integravam os 37 grupos co-rais (a maior parte dos quais vindos da cintura industrial de Lisboa) que actuaram a uma só voz num hino ao Alentejo. Este foi um dos momentos mais emotivos do Congresso, com o cante a ecoar melodiosamente no vasto pavilhão, numa sintonia que juntou todos aqueles que foram obrigados a sair da região à procura de melhores condições de vida e os outros, os que ficaram e que continuam a lutar para ver reconhecida a justeza das suas reivindicações rumo ao desenvolvimento da região.

A força e a determinação sentidas enquanto os grupos actuaram, em pé, e logo a seguir quando todos gritaram “Alentejo!”, fez-se sentir também nas muitas comunicações que, distribuídas por seis painéis temáticos, veicularam preocupações, vontade de mudança e propostas que concretizem o desenvolvimento desejado, num justo apelo para que o poder central as inclua nas suas pri-

oridades.

No decorrer da discussão falou-se da agricultura e do ambiente onde o homem – e a sua qualidade de vida – ainda não ocupam o centro das atenções. Roberto Mileu, um dos intervenientes neste painel, ilustrou contradições do sistema e uma perigosa perversão na forma como estão estruturadas as políticas para a agricultura. Segundo o técnico, “enquanto as dotações orçamentais contemplam 89,5 por cento do bolo (nacional e comunitário) para a política de preços e mercados, incluem apenas 10,5 por cento para o desenvolvimento rural. Ou seja, o desenvolvimento rural, tão fundamental para o futuro agrícola, ambiental e rural, que deveria ser o segundo pilar da PAC, não passa, em função desta grande diferença de dotações orçamentais, de um simples tijolo”. Muitas outras contradições foram apresentadas tendo em conta os princípios enunciados a nível europeu (que passam por uma agricultura de qualidade, respeitadora do ambiente, que mantenha um mundo rural vivo e atractivo) quando não é nada disso que se verifica na prática. O técnico recordou que “ninguém mais do que o agricultor está interessado em que se viva na agricultura num ambiente são”. Para o outro interveniente do painel sobre Agricultura e Ambiente, Sevinete Pinto, investigador agrário, “a única forma de retirar o Alentejo da rota de grande depressão agrícola em que está envolvida há vários anos, é a adopção de um plano global de desenvolvimento ambicioso e corajoso, tendo Alqueva como base”. A esta análise reagiu um

agricultor presente na sala para dizer que “o Alentejo agrícola está ferido de morte”. E isto acontece porquê? Porque “Alqueva só serve para nos tapar a boca. Se todos tivermos as nossas charcas e barragens cheias, ultrapassamos largamente o *plafond* produtivo que nos está concedido. O que fazemos depois com a produção restante?”, foi uma das perguntas deixadas perante uma barreira difícil de ultrapassar se a “passividade do nosso país continuar a aumentar os problemas em vez de os tentar resolver”.

### Quebrar o “ciclo da monotonia”

Uma visão de mais optimismo e esperança foi dada por António Covas, professor universitário, no painel Investimento e Opções Estratégicas. Para o técnico, o ciclo de monotonia que caracterizou a região nos últimos 50 anos deve alterar-se em 2002/2005. Ao apontar como opções estratégicas para o desenvolvimento as infra-estruturas, a informação e a capacidade de iniciativa, numa correlação o mais estreita e próxima possível, António Covas considerou que o peso do sector público trava a iniciativa privada. Uma visão diferente foi dada por Andrade Santos, presidente da Região de Turismo de Évora, que reiterou ser “precisamente a falta de iniciativa privada, justificada pelas carências da região, que motiva a necessidade de uma intervenção mais pesada do sector público”. Por outro lado, o presidente da Câmara de Sines, Manuel Coelho, reconhece a importância e a necessidade de projectos estruturantes,

como Alqueva, a BA 11, o Porto de Sines, o IP8, o terminal de gás natural, entre outros, mas “não devemos esquecer que para um desenvolvimento harmonioso, ajustado às pessoas que aqui vivem, é preciso incentivar a iniciativa privada e dar mais visibilidade e condições às micro, pequenas e médias empresas”. Por outro lado, o deputado Joaquim Miranda, outro dos participantes neste painel, sublinhou que “a interioridade de que sofre esta região é uma aberração só compreensível à luz de políticas e opções desadequadas por parte do poder central”.

No painel Saúde e Acção Social, Carvalho da Silva, dirigente sindical, apelou à capacidade de reivindicação e mostrou várias contradições do sistema que se prendem com o facto de serem os trabalhadores a pagar as medidas de protecção social, ao mesmo tempo que se desenvolve uma política assistencialista através da qual se faz propaganda em nome do desenvolvimento.

O coordenador da CGTP denunciou “a subversão das políticas sociais” através da utilização de milhares de pessoas nos POCs em substituição de trabalhadores efectivos e referiu-se ainda à saída anual de quatro mil alentejanos no activo por falta de condições de trabalho. “Temos de discutir o emprego na sua relação com a qualidade e com a produção”, foi o repto deixado por Carvalho da Silva, para quem as causas essenciais da injustiça social e do agravamento das disparidades entre ricos e pobres são os salários baixos motivadores de baixa qualificação e desincentivadores da vida activa”. □

Publicidade

<b>Socarsul, S.A.</b> Largo Escr. Manuel Ribeiro, 12 7800 Beja		 
VIATURAS USADAS		ANO
OPEL FRONTERA 2.5 TDS		1997
MITSUBISHI PAJERO 2.8		1997
ALFA ROMEO 146 1.7 16V		1996
VW GOLF VAR. GT 1.6		1995
PEUGEOT 405 SR		1993
VW PASSAT VAR. TD		1992
OPEL CORSA SW 1.2		1992
NISSAN PRIMERA 1.6 SL		1992
VW POLO 1.3		1991
FIAT 45 S EVOL.		1991
GOLF 1.3 CL		1990
RENAULT 19 TR		1990
VW JETTA CL 1.3		1990
NISSAN 1.0 GL		1990
GOLF 1.3 CL		1989
SEAT IBIZA 1.2		1989
FIAT PANDA 750		1989
RENAULT 9 TSE		1989
CITROEN AX TRE		1989
CITROEN AX		1988
RENAULT 12		1981

## PROPOSTA A EXTINÇÃO DA CCR E A CRIAÇÃO DE INSTITUTOS REGIONAIS

## Aprofundar o processo de descentralização

**“A vontade de desenvolvimento, em que incondicionalmente acreditamos, terá de ser sustentada em dois ou três pilares fundamentais: o reforço dos investimentos na região; a descentralização dos meios e dos órgãos de gestão no sentido do seu alargamento aos vários agentes locais; a definição clara de uma estratégia global de desenvolvimento”. As afirmações são de Ramiro Beja, presidente da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, na sessão de encerramento do XI Congresso marcado, do ponto de vista da organização, por grande qualidade.**



Ramiro Beja pediu mais investimentos e mais descentralização para o Alentejo

N a sessão de encerramento do XI Congresso, Ramiro Beja congratulou-se pela qualidade e diversidade das intervenções feitas ao longo dos três dias de trabalhos e sublinhou que “nele couberam diversas abordagens e pontos de vista, optimismos e apreensões mas, sobretudo e sempre, a convicção reforçada de que podemos

aceder ao desenvolvimento porque temos potencialidades e porque é essa a demanda inequívoca das gentes do Alentejo e dos seus representantes”.

Deixando o repto às instâncias governamentais, o autarca sublinhou que “é preciso que atendam às propostas apresentadas e ao movimento irreversível de descentralização de que o Alentejo necessita para ver reco-

nhecidas as suas especificidades e ultrapassar os seus variados e graves estrangulamentos”.

Esta foi, de resto, a tónica em que assentou uma das intervenções do último dia, no painel sobre Descentralização e Poder Local, em que intervieram Luís Sá, deputado comunista, professor universitário e especialista em questões do poder local, e Eduardo Cabrita, que foi,

na altura em que se referendava a regionalização, alto comissário para a regionalização.

Enquanto Eduardo Cabrita se debruçou sobre as três fases por que passou o poder local desde o 25 de Abril (consolidação das autarquias enquanto agentes recuperadores de grandes atrasos, estagnação e nova afirmação marcada por um novo relacionamento entre o Estado e as autar-

quias) e que permitem neste momento falar de reforço de verbas e de novas atribuições, Luís Sá salientou a necessidade de retomar o tema da regionalização. Não nos moldes em que foi abordada em referendo com a delimitação de regiões mas como um processo que deve ser reequacionado no seu conjunto. Ao sublinhar que, na lógica da revisão constitucional, a obrigatoriedade de simultaneidade da instituição do mapa regional pode ser considerada, Luís Sá recordou uma experiência, lá fora, em que, depois de um referendo contra as regiões, se abordou a instituição de institutos regionais com larga participação municipal chegando-se a novo referendo em que estes saíram vencedores. “A ideia dos institutos regionais significa substituir as comissões de coordenação regional (CCR), que dependem apenas de um ministério para toda a articulação com a União Europeia, por entidades com personalidade jurídica de carácter regional que atendam ao conjunto de todas as problemáticas de cada região, sobressaindo deste processo a larga participação municipal e da população”.

Para reforçar a sua proposta,

Luís Sá disse que “os que defendem as regiões administrativas não têm de se sentir derrotados. A luta pela regionalização faz parte da luta pela descentralização. A defesa dos municípios não é a alternativa à defesa das regiões. Pelo contrário e o processo tem de ser retomado, discutido”. Na sequência desta ideia, o deputado acrescentou que “os institutos regionais ou qualquer outra instituição semelhante que possa vir a ser criada não significam que as unidades de gestão não tenham de ser reformuladas para garantir o papel determinante dos municípios. Isso não significa que o processo de descentralização para os municípios não tenha de ser aprofundado tanto quanto possível”.

O último dia dos trabalhos do Congresso de Santiago deixou uma marca de esperança quanto ao desenvolvimento da região. Os problemas estão identificados, as propostas ficaram em cima da mesa. Daqui a dois anos, em 2001, quando os congressistas se reunirem em Monforte, nodistrito de Portalegre, para nova reflexão e abordagem das questões mais prementes do Alentejo, que estas sejam analisadas à luz dos desafios do século XXI e não a olhar para o que ainda não foi conquistado. □ J.G.C.

## CARLOS CARVALHAS

## “Ajustar palavras e actos”

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho, foi o único líder partidário presente no encerramento do XI Congresso sobre o Alentejo. Na sua apreciação sobre a importância do fórum, o líder do PCP considerou-o “um espaço muito importante, onde representantes dos diferentes quadrantes políticos e muitos técnicos reflectem e apontam caminhos para a resolução dos problemas que a região há muito enfrenta e que são por demais conhecidos”. Mas recordou que “a resposta aos problemas não se concretiza, enquanto não se resolver, por exemplo, o problema da água, da localização das indústrias, do aproveitamento dos recursos naturais, enquanto as pessoas que aqui nascem não se fixarem à terra. Para tal, são precisas obras e não palavras”.

Carlos Carvalho interligou a solução das principais preocupações da região à descentralização e à concretização da regionalização. “A regionalização é uma velha aspiração dos alentejanos para responder a problemas muito antigos. O Alentejo tem vindo a desertificar-se e a envelhecer devido à falta de respostas que resolvam esses mesmos problemas. A descentralização que, neste momento, se apresenta para as autarquias, precisa de meios para que possa vingar enquanto medida tendente à resolução dos problemas.

As propostas apresentadas no XI Congresso vão no sentido da concretização do desenvolvimento do Alentejo, ao invés do que acontece agora em que, pouco a pouco, a região continua a perder população, a envelhecer, a ver muitas propostas elementares a serem recusadas. A regionalização apresenta-se, por isso, como a grande necessidade de descentralizar e resolver os problemas.

A regionalização está inscrita na Constituição. É necessário que haja uma correlação de forças favorável para a sua realização. Enquanto não se concretizar a regionalização os problemas continuam a não se resolverem. Por outro lado, é necessário que se verifique uma efectiva descentralização com meios de modo a que haja um ajustamento entre as palavras e os actos”. □



## CARLOS ZORRINHO

## “Ganhar o futuro”

O gestor do ProAlentejo e apon-tado como o futuro alto comissário para a região, Carlos Zorrinho, participou no XI Congresso sobre o Alentejo no decorrer dos trabalhos do segundo dia. À semelhança do presidente da Comissão de Coordenação da Região Alentejo, José Ernesto, que assistiu aos trabalhos do primeiro dia, estas duas figuras de destaque do PS na região não se auto-excluíram (como alguns companheiros seus de Beja), de uma discussão e reflexão que cada vez mais diz respeito a todos na procura das soluções adequadas para o desenvolvimento da região.

Carlos Zorrinho interveio no decorrer do painel sobre Investimento e Opções Estratégicas, começando por manifestar a sua concordância com declarações proferidas pelo presidente da Câmara Municipal de Santiago do Cacém a um suplemento do jornal “Público” de que não se pode falar de desenvolvimento do Alentejo sem falar de agricultura e de vários outros factores. “Até ao momento observámos esta actividade por intermédio das culturas de sequeiro mas, hoje em dia, abrem-se novas perspectivas, novas culturas só possíveis com a concretização desse grande projecto, em que todos estamos fortemente empenhados, que é a construção da Barragem do Alqueva. Mas não é só um factor que vai resolver os problemas mas sim, a conjugação de todas as potencialidades do Alentejo, desde o turismo, à agro-pecuária, ao porto de Sines e à zona costeira, passando pela plataforma industrial, por todos os pontos de interesse arqueológico e cultural”. Para o gestor do ProAlentejo, temos de pensar o Alentejo como uma complementaridade entre as diversas sub-regiões que nele se integram, cada qual com as suas especificidades. E sublinhou que a região tem de ser analisada e trabalhada em função da sua unidade e diversidade, do combate e da divergência que fazem parte de um todo com características e expressões próprias que devemos saber valorizar, de tal modo que a monotonia que caracterizou a região nos últimos 50 anos dê lugar à sincronia e à conjugação de esforços. “Só assim podemos ganhar o futuro”, disse Carlos Zorrinho. □



## CARMELO AIRES

## “Precisamos de todos”

Carmelo Aires, vereador social-democrata na Câmara Municipal de Évora, participou activamente no XI Congresso, no decorrer dos três dias de discussão e análise. Sobre a importância do fórum, considerou que “a continuidade destes congressos é uma expressão de que ainda há vitalidade no Alentejo e ainda há muita gente que, periodicamente, quer fazer uma reflexão sobre o que somos, para onde vamos e o que queremos ser no futuro. Essa continuidade é salutar pelo que defendo a continuação destes congressos”. Para o vereador do PSD, “este ano houve uma melhoria na forma de fazer as sessões em plenário. Penso que poderá ser ainda mais produtivo se limitarmos os temas e seleccionarmos as comunicações de modo a que se disponibilizem mais tempo para a discussão e confrontação de ideias. Penso que poderá passar pela abordagem de um tema geral com pertinência para todo o Alentejo e um tema específico relativamente ao local onde se desenvolve o Congresso, com uma selecção mais criteriosa de enquadramento das intervenções livres.

Convicto de que o desenvolvimento só se concretiza com a participação de todos, Carmelo Aires disse ter ficado “desgostoso com a ausência de alentejanos, em termos gerais, e, principalmente, com ausência de um conjunto de alentejanos que fazem parte de uma determinada força política. Acho que o Alentejo tem tantos problemas que necessita da unidade de todos, pelo que não consigo aceitar que se auto-excluem pessoas que deviam vir aqui expor os seus pontos de vista. Há total liberdade para cada um colocar os seus pontos de vista. Nem todos serão coincidentes e é desejável que assim seja. A fuga ao debate dá a ideia de que quem não está aqui se sente pouco seguro das suas opções e de que tem medo que lhe falhem elementos para contradição críticas, eventualmente, feitas. Não é pela ausência, mesmo com algumas discordâncias, que se consegue melhorar este Congresso. O Alentejo precisa de todos”. □



## HOMENAGEM A ANTÓNIO ALEXANDRE RAPOSO

## Um lutador pela causa da justiça social

O XI Congresso sobre o Alentejo homenageou António Alexandre Raposo, professor e autarca alentejano desaparecido em Julho de 1998. Em Santiago do Cacém, perante a viúva, Suzete Páscoa, as filhas, os netos e demais família de António Raposo, o Congresso ouviu José Godinho, presidente da Câmara Municipal de Aljustrel, evocar a vida e a luta de um combatente da liberdade, da democracia e da justiça social. O Congresso, pelas mãos de Ramiro Beja, presidente da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, entregou a Suzete Páscoa uma placa traduzindo a imensa saudade que todos sentem de António Alexandre Raposo. "Diário do Alentejo" regista aqui a intervenção de José Godinho no XI Congresso sobre o Alentejo.



José Godinho na homenagem a António Raposo

"Fui convidado pelo secretariado deste Congresso para proferir algumas palavras neste ponto da ordem do dia, consagrado a prestar homenagem a António Raposo.

Sinto-me bastante honrado por me ter sido atribuída esta tarefa, mas não posso deixar de reconhecer que se trata de uma responsabilidade que eu, honestamente, não sei se estarei à altura dela, pois que a figura que está em causa foi uma personalidade tão rica, nos diferentes aspectos que dimensionam um ser humano, que receio que tudo

quanto aqui me ocorra dizer aca-  
 be por ser redutor.

Queria começar por dizer que é da mais elementar justiça que este Congresso recorde hoje, aqui, aquele que foi um dos fundadores destas iniciativas e um dos seus principais dinamizadores enquanto a vida lho permitiu.

Conheci António Alexandre Raposo, em Aljustrel, em meados dos anos Sessenta, quando ele ali chegou para exercer a sua profissão de professor. Era ainda jovem mas já vinha ca-  
 lejado pelos problemas duros da

vida que teve que enfrentar, desde muito cedo, quando, com 10 anos de idade, perdeu o pai, e já trazia consigo na sua bagagem uma consciência cívica e uma visão do mundo que o haveria de levar a abraçar os ideais que sempre nortearam a sua vida.

Aljustrel era nesse tempo um campo propício ao desenvolvi-  
 mento activo das suas convicções.

Por essa altura, a luta anti-fascista estava ao rubro e a chegada do Raposo constituiu uma importante mais valia para todos os que ali se batiam por esta causa.

Hoje, é ainda frequente encontrar em Aljustrel homens e mulheres jovens que foram seus alunos, que reconhecem ter sido o professor Raposo o homem que os ajudou a abrir os olhos e a ganhar consciência sobre a realidade social e política da altura, que oprimia o povo português.

Na verdade, nesses anos de chumbo, o professor Raposo exercia o seu magistério com uma perspectiva progressista daquilo que eram as suas funções de docente, não se limitando a obedecer estritamente ao que rezavam os manuais escolares, mas ia mais longe, pelas entrelinhas da vida, deixando nos jovens, em formação, a semente de uma cidadania consciente e bem orientada, em torno dos grandes e pequenos valores da Humanidade.

Assim, o Raposo conquistou, naturalmente, junto da generalidade da população daquele concelho, a consideração, o respeito, a amizade e a confiança que haveriam de ser determinantes para aquilo que veio a seguir.

E aquilo que veio a seguir, senhores congressistas, caros amigos, foi o 25 de Abril, e com ele a sua entrega, agora já sem as peias da opressão, às nobres causas que desde cedo abraçou.

Não foi, pois, por acaso que António Alexandre Raposo foi eleito presidente da Comissão Administrativa do Município de Aljustrel, talvez no primeiro acto de democracia directa ocorrido no nosso país após o 25 de Abril, a que se seguiram mais quatro mandatos à frente da autarquia, num total de 16 anos.

Quando assumiu essa responsabilidade, encontrou por um lado um concelho altamen-

te carenciado nos aspectos mais essenciais e, por outro lado, uma câmara desprovida dos meios mínimos necessários para fazer frente a essa situação.

E, de tal forma, sempre que se tornou necessário, não hesitou em colocar os seus poucos meios para acorrer às necessidades mais gritantes com que a população se confrontava, em questões como abastecimento de água, saneamento básico, apoio social, sempre, sempre, com o firme propósito que o animava de contribuir, com todas as suas forças, para que o povo pudesse viver cada vez melhor.

Sem recursos e sem experiência, mas com grande inteligência e elevada intuição para o desempenho das suas funções, foi com inextinguível espírito de sacrifício e de dedicação à causa popular que conseguiu superar as dificuldades que se lhe depararam e acabou por adquirir um perfeito domínio quer das questões mais simples do dia-a-dia da autarquia, quer dos processos mais complexos da gestão municipal, tornando-se assim um dos pioneiros do novo Poder Local democrático emergente do 25 de Abril, cultivando uma nova forma de administração autárquica caracterizada pela gestão colectiva, participação popular e perspectiva humanista.

Desta forma, contribuiu decisivamente para uma obra que arrancou o concelho de Aljustrel do atraso ancestral a que estivera votado no passado, e lançou a base da construção do seu futuro, conquistando como autarca e como homem o respeito e a admiração de amigos e adversários políticos, não apenas ao nível local, mas também no plano regional e nacional.

Terminadas de sua livre iniciativa as funções de presidente da Câmara, foi ainda presidente da Assembleia Municipal, presidente da Assembleia Distrital, membro do Conselho Regional do Alentejo, membro do Conselho Geral da ANMP, fundador da AMDB, director do "Diário do Alentejo", fundador e dinamizador dos congressos sobre o Alentejo, e por fim, tendo desempenhado tantos e tão relevantes cargos, aceitou assumir com a maior nobreza, nobreza feita de grande dignidade, de humildade e de profundo respeito pelas regras da democracia, o lugar de vereador da Câmara Municipal da sua terra natal, Ferreira do Alentejo, funções que até ao seu falecimento, em Julho de 1998, exerceu entusiasticamente.

Viveu sempre fiel ao seu ideal de lutador pela causa da democracia, da liberdade, da justiça social, do bem-estar e do progresso das populações e do desenvolvimento do Alentejo.

Generoso, humanista, despojado dos valores mesquinhos desta nossa sociedade, optimista quanto ao futuro, tinha a arte de saber valorizar os aspectos mais simples do nosso viver, e viveu intensamente, com imenso espírito de camaradagem e de convívio fraternal.

Como homem, como professor, como cidadão, António Alexandre Raposo foi referência, e continua a sê-lo, para os que optam por estar na vida de forma íntegra e desinteressada, ligados apenas aos valores da solidariedade, da liberdade e da democracia com o objectivo supremo de construção de um mundo novo, onde o homem finalmente se encontre a si próprio". □

## XI CONGRESSO APROVOU MOÇÃO

## Alentejo solidário com Timor Leste

A situação em Timor Leste esteve sempre presente ao longo dos três dias de trabalhos do XI Congresso sobre o Alentejo, em Santiago do Cacém. Na sessão inaugural foi guardado um minuto de silêncio e, no sábado, os congressistas aprovaram uma moção cujo texto a seguir se publica na íntegra.

"No momento em que o XI Congresso sobre o Alentejo se reúne em Santiago do Cacém, o povo de Timor Leste vive uma das maiores tragédias da sua história.

Depois de séculos de dominação colonial e após 24 anos de ocupação da Indonésia, o povo timorense pronunciou-se de forma clara e inequívoca pela autodeterminação e independência, na consulta popular realizada a 30 de Agosto, sob os

auspícios das Nações Unidas, passo decisivo do processo destinado a repor a legalidade no território.

Desde então, o regime indonésio comete um verdadeiro genocídio contra o povo de Timor Leste – assassinando milhares de pessoas indefesas, deportando milhares de outras, provocando um sem número de refugiados, destruindo, pilhando e incendiando cidades, vilas e aldeias, aterrorizando populações inteiras, causando a fome e a doença na generalidade do território. Tudo isto, perante as hesitações, os recuos e as demoras da comunidade internacional, noutras ocasiões tão lesta em intervir, mesmo ao arripio do Direito Internacional.

Perante esta situação, o XI Congresso sobre o Alentejo,



Timor Leste sempre presente no XI Congresso sobre o Alentejo

reunido em Santiago do Cacém, de 17 a 19 de Setembro,

1. Expressa total solidariedade com o povo de Timor Leste;

2. Exige a imediata reposição da paz e da segurança no território, de forma a que, sem entraves, possa ser prestada assistên-

cia humanitária às populações;

3. Apela ao Governo português no sentido de prosseguir a acção diplomática e por todos os

meios possíveis, de forma a ajudar o povo de Timor Leste na sua luta pela paz, independência e progresso;

4. Exorta os alentejanos – autarquias, empresas, sindicatos, movimento associativo, escolas, IPSS, igrejas, cidadãos em geral – a que continuem a manifestar solidariedade aos timorenses e que contribuam de todas as formas para a construção do futuro Estado de Timor Lorosae e para o reforço da amizade e cooperação entre o povo português e o povo maubere.

Viva Timor Leste, pacífico e independente!

Viva a amizade entre os povos de Portugal e de Timor Leste! Santiago do Cacém, Setembro de 1999

O XI Congresso sobre o Alentejo".



Ramiro Beja, o principal responsável pela excelente organização



Vozes do Alentejo fizeram-se ouvir em Santiago do Cacém



A comunicação social regional sempre presente no Congresso

Toda a gente estava de acordo: a organização do XI Congresso sobre o Alentejo foi excelente. O Pavilhão Municipal dos Desportos estava muito bonito, as cadeiras e mesas eram cómodas, o som era bom, havia um ecrã gigante da responsabilidade da TV Cabo, a reprodução e distribuição dos documentos fazia-se rapidamente, o apoio aos congressistas era permanente e os profissionais da comunicação social tiveram assistência eficiente. A principal "responsável" pelo êxito foi a Câmara de Santiago do Cacém, em particular o seu presidente, Ramiro Beja. □

O XI Congresso não descurou o programa cultural. Na primeira noite, houve um espectáculo em que actuaram Jorge Ganhão, Francisco Ceia e o grupo Cantes de Vila. No sábado, depois do mega jantar oferecido na Quinta da Cilha pela Petrogal, foi a vez de uma noite alentejana na discoteca Adrenalina. Para o domingo de manhã estava previsto um desfile de grupos corais alentejanos, mas a forte chuva obrigou a transferir a iniciativa para o pavilhão: apesar de breve, foi impressionante ouvir 37 grupos entoar em coro "Alentejo que és nossa terra"... □

Cerca de 60 profissionais da comunicação social local, regional e nacional estiveram presentes, ao longo do fim-de-semana, no XI Congresso sobre o Alentejo, em Santiago do Cacém. Rádios locais e nacionais (a Renascença manteve sempre ali um correspondente), jornais (dos nacionais, o "Público" enviou o seu jornalista residente em Beja), a agência noticiosa Lusa e uma única estação de televisão, a RTP, fizeram a cobertura do evento. Destaque, em termos de rádio, para a Rádio Voz da Planície, de Beja com vários "directos" nos três dias. □

## O que achou do XI Congresso sobre o Alentejo?

Joana Gomes Correia

diga lá



**Abel Ribeiro, 42 anos, sociólogo, Beja** – Apesar das comunicações terem sido de qualidade, penso que esta não será a melhor estrutura do Congresso, que deveria ser o culminar de um processo de reflexão sobre diferentes temas tratados ao longo dos anos que o precedem. Os contributos foram positivos mas também é verdade que o discurso que se fez, quer o técnico, quer o político, foi significativamente diferente do que habitualmente se fazia, através das abordagens muito clássicas sobre a desertificação, os idosos, as mulheres, o desemprego...

Finalmente está-se a abandonar o discurso miserabilista e a adoptar um discurso de esperança, de assumpção das limitações que temos para mobilizar as potencialidades que existem. No painel sobre Saúde e Acção Social, as intervenções, nomeadamente do Manuel Carvalho da Silva, apontavam para um discurso de esperança. Nós temos de assumir as características que temos, que os nossos recursos humanos, técnicos e logísticos têm e construímos sobre isso em vez de chorarmos. Devemos adoptar um discurso de recuperação.



**Eloísa Silva, 18 anos, jornalista, Santiago do Cacém** – O Congresso não é só um espaço onde se produzem resoluções. Fala-se sobre elas e especifica-se o que elas significam para nós, não só alentejanos, mas com visibilidade em todo o País. Apesar da grande afluência de pessoas, o Congresso não foi capaz de focar todos os problemas da região. As pessoas que aqui estão ainda são poucas para falar dos problemas que existem. É necessária maior mobilização e a participação de todos para que a região se desenvolva.

Quanto aos painéis, acho que o da Saúde e Acção Social foi o que melhor se adequou a Santiago do Cacém, se se considerar que o hospital é uma aspiração que ainda não está concretizada, apesar dos projectos e das promessas existentes. As obras, em concreto, ainda não começaram. Pela mesma ordem de ideias, o painel de Educação, Formação, Cultura e Património revelou-se de muita importância porque há, em Santiago do Cacém, grande necessidade de mais pessoas a trabalhar aqui.



**Paulo Neto, 40 anos, presidente da Câmara Municipal de Mértola** – O XI Congresso vem na sequência dos anteriores e, portanto, há aqui uma sequência de ideias, de projectos, de propostas e de estudos de avaliação do que se vai fazendo e do que se poderia fazer. Este vem reforçar as ideias anteriores através de novas abordagens. Este fórum é o momento mais alto para discutir os problemas do Alentejo, pelo que a reflexão e as propostas aqui apresentadas são fundamentais para o tipo de desenvolvimento que queremos implementar no Alentejo. Serve para consolidar e reforçar ideias acerca dos projectos e das saídas possíveis com vista ao desenvolvimento e, sobretudo, para reforçar que o Alentejo é um todo com fortes potencialidades, pelo que é necessário trabalhar em função disso.

É aqui feita a análise sobre as promessas que o poder central tem vindo, continuamente, a fazer ao Alentejo e sobre o que no fundo tem acontecido, que fica muito aquém das expectativas criadas.



**Andrade Santos, 43 anos, economista, presidente da Região de Turismo de Évora** – O Congresso foi uma proposta de esquerda que, desde o primeiro momento, procurou criar um espaço de diálogo sem barreiras, lançando motes e temas para discussão. Assinalo que esta edição é notável no plano do apoio, da organização e da logística e até do cenário de enquadramento da sala. Mostra, assim, uma iniciativa que atingiu a sua maturidade.

A importância destes debates é dar uma voz à região. Não é por acaso que o primeiro Congresso teve como mote central "Regionalização e Desenvolvimento, Semeando Novos Rumos". Eram as duas faces que se colocavam. Para nós, regionalistas e congressistas, tudo esteve relacionado desde o primeiro momento. O objectivo tem sido o desenvolvimento e os instrumentos passam por dar uma voz à região. O Congresso sobre o Alentejo é uma voz da região, multifacetada, pluralista, por muito que haja quem queira abafá-la.



**José Chitas, 60 anos, professor, membro da direcção da Casa do Alentejo** – O XI Congresso não pode ser dissociado dos anteriores, porque os problemas aqui apresentados, têm sido denunciados, revelados desde a primeira edição. Neste Congresso fazemos a análise actual daquilo que nos tem preocupado ao longo do tempo, de todos os problemas que o Alentejo tem, que são a desertificação, a falta de emprego, de investimentos e de todos as outras componentes que aqui têm sido focadas, inclusivamente, o relacionamento institucional entre as autarquias e os vários serviços periféricos do Estado. Esta tem sido sempre uma tônica que os congressos têm revelado. Quando a nível nacional se verifica um desinteresse geral, verificável na abstenção, o XI Congresso vem mostrar que os alentejanos, em vez de estarem apáticos, são interventivos, participativos e de riqueza extraordinária.

Os mais de 600 congressistas, com a sua participação e análise, vieram fazer com que, mais uma vez, os alentejanos, não calem a sua voz.



**Joaquim Messias, 62 anos, cantor do Grupo Coral "Amigos do Alentejo", de Almada** – Para mim, a única coisa que não está a ser favorável neste XI Congresso é o tempo, porque viemos aqui para participar num desfile pelas ruas e, por causa da chuva, não o podemos fazer...

Tirando isso, considero o Congresso muito importante para a região, para resolver os problemas com que sofre e que leva as pessoas a saírem daqui. Eu Sou de Portel e há 43 anos que saí à procura de trabalho.

Quanto aos trabalhos, ouvi atentamente as comunicações, especialmente de Luís Sá, sobre a necessidade de prosseguir a regionalização. Isso deixou-me satisfeito. Por outro lado, o Governo está a empurrar para as autarquias determinadas competências, mas não lhes dá os respectivos meios – o dinheiro – para poderem realizar o seu trabalho condignamente. As autarquias vão, assim, ter mais problemas que os já existentes, nomeadamente, nas áreas da saúde e da educação.



Carreira Marques apresentou as conclusões, no final dos trabalhos



Abílio Fernandes saudou os congressistas, na sessão de abertura



O belo cenário do pavilhão Municipal dos Desportos de Santiago do Cacém



As conclusões do XI Congresso foram aprovadas por unanimidade

## CONCLUSÕES DO XI CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO

## Continuar a batalha da regionalização

**Mais de 600 congressistas inscreveram-se no XI Congresso sobre o Alentejo, em Santiago do Cacém. Eis as conclusões do grande fórum de reflexão e debate dos alentejanos, o último efectuado este século. O próximo Congresso está marcado para 2001, havendo já a candidatura de Monforte para a sua realização. Ficam aqui, na íntegra, as conclusões do Congresso de Santiago do Cacém, aprovadas por unanimidade e incidindo no essencial sobre os seis grandes temas abordados em outros tantos painéis.**

O XI Congresso sobre o Alentejo reuniu-se de 17 a 19 de Setembro de 1999, no Pavilhão Municipal dos Desportos de Santiago do Cacém, com a participação de mais de 600 congressistas de todo o Alentejo e do País.

O Congresso iniciou os seus trabalhos saudando o povo de

Timor Leste e guardando um minuto de silêncio em homenagem aos timorenses assassinados pelo regime indonésio.

Convocado sob lema “Descentralizar, Investir, Desenvolver – Uma Aposta no Futuro”, o Congresso centrou a sua atenção em seis grandes áreas, que foram sucessivamente abordadas em painéis temáticos, cujas conclusões principais se apresentam.

**Informação e Comunicação Social** – O Congresso sobre o Alentejo sublinha a importância da implantação das novas tecnologias da informação na região, como alavanca fundamental do desenvolvimento. Exorta o Governo, as autarquias, as empresas, as escolas, os órgãos de comunicação social e outras entidades públicas e privadas a prosseguirem a implantação e utilização das novas tecnologias da informação, no reforço da identidade cultural alentejana e no combate às assimetrias económicas e sociais, no país e na região.

O Congresso realça também

o papel fundamental dos media, em especial da comunicação social regional e local, com a sua especificidade, no processo de desenvolvimento do Alentejo e no alargamento e aprofundamento da democracia, constituindo um espaço privilegiado de participação cívica, de exercício da cidadania e de mobilização das populações.

O Congresso considera que, na era da globalização, a informação tende a ser cada vez mais superficial e subordinada a interesses económicos e políticos, não reflectindo as realidades sociais e culturais dos povos, pelo que a comunicação social alentejana deve adoptar um modelo próprio que valorize e evidencie os reais interesses da região.

O Congresso considera ainda que é importante criar no Alentejo um espaço de reflexão e análise sobre a problemática da sociedade de informação e do seu contributo para o desenvolvimento regional.

**Agricultura e Ambiente** – O Congresso sublinha que na maior parte da União Europeia

existe uma agricultura muito desenvolvida que, em geral, provoca danos ambientais graves, enquanto que em Portugal a nossa agricultura está longe de estar desenvolvida e não dispõe das condições, do enquadramento e do apoio que durante décadas foram assegurados às agriculturas desenvolvidas da Europa. Razão por que constitui um erro político dirigir hoje o desenvolvimento da nossa agricultura na base de um único modelo que não se ajusta à agricultura de influência mediterrânea, tanto mais que este modelo continua a penalizar o desenvolvimento rural e a canalizar a grande fatia dos recursos financeiros para o apoio à política de preços e de mercados da agricultura rica da Europa.

O Congresso considera que as relações da agricultura com o ambiente não podem ter por base a morte da agricultura, quer por esta constituir um pilar fundamental do emprego e do desenvolvimento da região, quer porque o abandono e falência da agricultura conduzem a um acentuado risco de deserti-

ficação, constituindo-se assim como o maior problema ambiental para o Alentejo.

O Congresso assinala ainda que a falência da agricultura continua associada a modelos tradicionais incapazes de reconverter a agricultura alentejana e a concentração fundiária da propriedade, o que irá agravar ainda mais os já graves e reconhecidos estrangulamentos resultantes da actual estrutura de posse e uso da terra.

Necessitando o Alentejo de uma agricultura, cujo modelo não se enquadra necessariamente no modelo competitivo da PAC, o Congresso reclama que é necessária vontade política que garanta alternativas viáveis e duráveis, não sendo aceitável termos uma agricultura com quotas de produção baseadas no passado.

O Congresso reclama uma política florestal que proteja o montado de sobro e azinho que, para além da sua importância económica para a região, constitui, do ponto de vista ambiental, uma barreira à desertificação do Alentejo.

O Congresso reconhece a importância da criação de redes de investigação/experimentação/demonstração para o desenvolvimento da agricultura da região, bem como o reconhecimento das explorações sustentáveis como factores determinantes na valorização dos recursos naturais e preservação de valores do mundo rural.

O Congresso considera que a existência de água disponível para todas as utilizações e, obviamente, para a agricultura de regadio, assume uma enorme importância económica, social e ambiental. Neste quadro, assume importância decisiva a conclusão do Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva.

**Educação, Formação, Cultura e Património** – O Congresso assinala a importância da formação ser ajustada aos objectivos de desenvolvimento da região e constituir um importante factor de dignificação do trabalho e, concomitantemente, na valorização da empresa e do tecido produtivo.

Foi referida igualmente a

importância da certificação e qualificação de saberes no trabalho e valorização dos diversos níveis e formas de ensino como parte integrante da política de formação.

O Congresso conclui que a excepcionalmente bem conservada riqueza patrimonial do Alentejo pode e deve ser investigada e valorizada de forma a contribuir para o reforço da identidade, logo da auto-estima, dos alentejanos.

O Congresso conclui igualmente que o património cultural e natural do Alentejo – com o Homem no centro – pode e deve ser utilizado como factor de desenvolvimento local, sem que isso signifique o seu abastardamento. O respeito por esse mesmo património será, ao contrário, a condição essencial à sua utilização como uma mais valia fundamental para incremento das actividades económicas da região.

Foi ainda considerado que a cooperação e o cooperativismo constituem importantes instrumentos de promoção do desenvolvimento.

**Investimento e Opções Estratégicas** – O Congresso confirma que a situação do desenvolvimento do Alentejo nos últimos 50 anos foi marcada por um “ciclo de monotonia” de crescimento de baixa intensidade com causas evidentes no défice de iniciativa na capacidade de empreendimento privado e no desajustamento entre o investimento público e privado que, associados a políticas de desenvolvimento inconsequentes, contribuíram para os atrasos estruturais da região.

O Congresso sobre o Alentejo sublinha a necessidade de ser definido e posto em prática um planeamento participado e articulado que ultrapasse as meras necessidades de resposta à política regional comunitária e que constitua um instrumento fundamental para uma efectiva aposta no Alentejo, sem a qual não é possível desenvolver o País.

Convergindo na necessidade de apostar no Alentejo, o Congresso expressou contudo duas perspectivas quanto ao futuro.

A par de uma perspectiva optimista de que a próxima década pode ser a “década do Alentejo”, emergiu outra que evidenciou os riscos resultantes de um ciclo cujas características essenciais podem ser:

– A suburbanização do Alentejo à área metropolitana de Lisboa/Setúbal;

– O Alentejo transformar-se num corredor de atravessamento onde as actividades especulativas facilmente se instalem;

– O investimento público em infra-estruturas não ser acompanhado pelo investimento privado.

Para minimização dos riscos afigura-se necessário mobilizar

iniciativas para o Alentejo apoiadas em incentivos fiscais e financeiros que dinamizem o tecido empresarial, em especial as PMES, por forma a induzir o investimento na agricultura, no desenvolvimento industrial, no crescimento do potencial regional assente nos recursos endógenos, apostando numa base económica diversificada.

O Congresso realçou o importante papel do turismo como factor de aproveitamento dos recursos endógenos e contribuição efectiva para a diversificação da base económica regional.

O Congresso reitera a importância de se concretizarem os investimentos estruturantes no Porto de Sines, incluindo a criação de um Porto Comercial, na Base Aérea de Beja, na estrutura rodoviária e ferroviária, na melhoria da rede viária intra-regional, no acesso ao gás natural através de *pipe-lines*, na opção de localizar o aeroporto de Lisboa na margem sul do Tejo.

A participação dos poderes e dos agentes da região na gestão dos projectos estruturantes e na gestão dos recursos do próximo Quadro Comunitário de Apoio constitui um elemento fundamental, associada a uma estratégia efectiva de desenvolvimento regional.

O Congresso assinala ainda a necessidade de se canalizar investimentos que promovam a melhoria das condições de vida das populações e de realizar uma política de cidades de média dimensão indutora do desenvolvimento.

**Saúde e Acção Social** – O Congresso considera a necessidade de não reduzir as políticas de protecção social ao conceito de segurança social, na medida em que esta opção política conduz a que sejam os trabalhadores a pagar o sistema de protecção social.

Destaca-se a estreita associação entre a política de acção social e as políticas económicas e de promoção do desenvolvimento. Algumas reformas a introduzir no sistema de regulação económica e financeira devem atender aos sistemas institucionais de solidariedade.

O Congresso assinala e lamenta a contínua saída de população activa da região por falta de políticas de emprego e de valorização do trabalho como elemento de segurança social e protecção e factor de desenvolvimento.

O Congresso considera indispensável a promoção de políticas sociais de apoio articuladas à família.

O Congresso conclui ser necessário dar um novo corpo à recente lei de constituição do Conselho Económico e Social Regional que vá no sentido do reforço da participação dos agentes e instituições locais e regionais por oposição ao mode-

lo agora publicado que assenta numa visão corporativa.

O Congresso assinala a necessidade de reforçar a rede de equipamentos de saúde pública e meios humanos especializados, em especial de médicos de clínica geral, para melhorar os cuidados de saúde pública dos alentejanos.

**Descentralização e Poder Local** – O Congresso considera que não se pode confundir descentralização com o reforço de desconcentração de funções e competências para serviços periféricos da administração central, sendo necessário aprofundar o processo de descentralização, com base no princípio democrático da eleição dos representantes a nível regional.

O Congresso conclui pela necessidade de estabelecer com clareza um quadro financeiro que dê resposta à nova lei de competências das autarquias, no sentido de garantir um real processo de descentralização.

O Congresso reitera a necessidade de se continuar a batalha para a institucionalização da regionalização, considerando positivo criar uma fase de transição que substitua as CCRs por entidades com personalidade jurídica de carácter regional – tal como a criação de Institutos Regionais – que tenham uma larga participação municipal de forma a promover o processo de desenvolvimento regional.

O Congresso considera ainda a necessidade de rever a disposição constitucional da simultaneidade da instituição das regiões em concreto, tendo em conta a vontade manifestada pelos alentejanos no referendo realizado.

O Congresso considera indispensável o estabelecimento de um novo tipo de relacionamento entre o Estado e as autarquias locais que releve do reconhecimento da dignificação e clara hierarquização dos titulares dos órgãos autárquicos.

O XI Congresso sobre o Alentejo prestou sentida homenagem a António Alexandre Raposo, professor e autarca alentejano, recentemente desaparecido, que dedicou a sua vida à luta pela liberdade, pela democracia e pelo progresso social, e cuja acção como docente, como presidente da Câmara Municipal de Aljustrel, como director do “Diário do Alentejo” e em inúmeras outras esferas continua a ser exemplo e fonte de inspiração para todos os que se batem por um Alentejo mais desenvolvido e mais justo.

A experiência de realização do Congresso em sessão plenária constitui uma importante valorização para a abordagem dos diferentes temas, elevando

o nível de reflexão e a diversidade de opiniões. Contudo, o reduzido tempo dedicado a cada painel não permitiu aprofundar propostas e medidas que foram apresentadas pelos diferentes intervenientes.

Reconhecendo a necessidade de promover o aprofundamento destas matérias, o Congresso considera indispensável realizar conferências e seminários que prossigam o debate na especialidade de alguns dos temas. São disso exemplo a necessidade de promover conferências sobre agricultura e sobre a política social para o Alentejo, ou seminários sobre o projecto da Base Aérea de Beja e do Porto de Sines.

O Congresso congratula-se com a pluralidade de opiniões e a qualidade das intervenções, cujo contributo constitui um elemento indispensável para a concretização do lema da décima primeira edição – “Descentralizar, Investir, Desenvolver – Uma Aposta no Futuro”. De facto, a riqueza deste Congresso desmentiu os poucos que teimam em o partidizar.

O Congresso aprovou uma moção de apoio e solidariedade ao povo de Timor Leste, cuja luta esteve permanentemente presente nos seus trabalhos.

O XI Congresso sobre o Alentejo saúda calorosamente o povo da bela cidade de Santiago do Cacém que recebeu o encontro com a tradicional hospitalidade alentejana; agradece a contribuição de qualidade dos grupos corais e de todos os artistas que participaram no programa cultural; e expressa o seu profundo reconhecimento à Câmara Municipal de Santiago do Cacém – aos seus autarcas e trabalhadores – e a todos quantos contribuíram para a criação das excelentes condições de acolhimento e trabalho ao longo dos três dias do evento.

O XI Congresso sobre o Alentejo agradece a presença dos quase 60 profissionais da comunicação social regional e nacional.

O Secretariado do XI Congresso sobre o Alentejo acolheu uma proposta da Câmara Municipal de Monforte no sentido de que a próxima edição do grande fórum sobre o Alentejo se realize, em 2001, naquele concelho do distrito de Portalegre.

Santiago do Cacém, 19 de Setembro de 1999.

O XI Congresso sobre o Alentejo



Oradores e moderadores dos seis painéis temáticos do Congresso